

MEMÓRIAS DE UMA BEATNIK: POR UM VIÉS EMANCIPATÓRIO

Karen Esser CORDEIRO.¹

Profª MSc. Natália Cristina Sganzella de Araujo.

RESUMO

Diante do contexto do movimento contracultural da geração beat, o objetivo deste presente artigo é analisar o romance de Diane di Prima, Memórias de uma Beatnik, através da dinâmica relacional da qual a autora constituiu essas memórias, em contraste com as de autoria masculinas do movimento, problematizando a repressão sexual feminina para a compreensão de suas consequências na visibilidade das obras dessas autoras. Para tanto se utilizou pesquisa de levantamento bibliográfica e explicativo, a fim de demonstrar a importância de pesquisadoras como Knight (1996), Love (2016), e tantas outras que se dedicaram a reescrever a história silenciada de autoria feminina dentro do movimento contracultural da geração beat para a fundamentação da visibilidade dessas autoras.

PALAVRAS CHAVE: *Contracultura; Geração Beat; Diane di Prima; Sexualidade feminina.*

Introdução

Para a leitura do livro de Diane de Prima, “Memórias de uma Beatnik”, primeiramente, torna-se fundamental a compreensão do contexto histórico no qual essas memórias foram constituídas, diante disso, com o fim da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos se estabeleceu como potência capitalista em plena expansão de seu mercado consumidor, onde o discurso do *American Way Of Life* impôs um comportamento conservador para controle da sociedade promovendo a busca incansável de bens materiais como possibilidade de conquistar uma melhor qualidade de vida. Segundo Ken Goffman e Joy Dan, na década de 1950, a América branca compreensivelmente empurrou a ansiedade nuclear para longe, comprando novos e brilhantes bens de consumo.

Entretanto, a partir da pesquisa realizada por Claudio Willer em *Geração Beat* (2009) e *Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico* (2014), percebe-se que nem todos estavam satisfeitos diante dos acontecimentos políticos sociais de uma sociedade dividida pelo preconceito racial, a tecnocracia, o conservadorismo, o trabalho alienado, o consumismo, o império do sistema político-econômico sobre os outros sistemas, do progresso à qualquer custo, o terror da guerra, não havendo garantias otimistas para esses jovens de um verdadeiro

¹ Graduada em História – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré - Avaré-SP - Brasil – karen_esserc@hotmail.com

progresso para a humanidade, ou seja, o ideal de adulto lhes parecia artificial, não se identificando com a cultura branca hetero conformista dominante, que enaltecia a figura da família, da religião, da moralidade e do consumismo, assim, por não serem compatíveis, no fim da década de 1940, alguns jovens já se reuniam compondo um cenário artístico fora dos grandes eventos culturais da época, também adotando, ao mesmo tempo, os ideais existencialistas dos boêmios parisienses compartilhando da mesma insatisfação na busca por outras fontes de produção cultural. Portanto, é nesse contexto plural e de influência vanguardista que se origina a Geração Beat, na qual eram integrantes autores, como a Diane di Prima, rejeitando os padrões burgueses – artísticos e comportamentais. Ou seja,

[...] a beat não representa a cultura e o modo de vida dos anos 50. Pelo contrário, representa tudo aquilo que execra, abomina, nega e questiona os anos 50 e varias outras décadas. A beat é a mais expressiva e efetiva manifestação de protesto contra um mundo esquizofrênico, dividido pela guerra fria, parecendo estar irremediavelmente cindindo entre o macartismo e stalinismo; contra uma vida intelectual dirigida e controlada por grupos de intelectuais formalistas e acadêmicos, ditando normas e impondo regras encasteladas em seus cenáculos; contra uma sociedade pesadamente repressiva, inclusive sexualmente (lembrem-se que nos Estados Unidos da época, presos à sua tradição puritana, certas posturas corporais eram explicitamente proibidas por leis) e na qual não havia muita opção: ou se aderiria integralmente ao modo de vida institucionalizado e à sua ideologia ou então se caía na marginalidade. (WILLER, 1984 *Apud* BENFATTI, 2011, p.80).

De acordo com Almeida (2007) em “Uma Geração em debate: *Beats* ou *Beatniks*?”, o termo “*beat*” veio em alusão ao “cansaço”, “exaustão”: “*Man, I’ beat*”, dos jovens, diante dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos do *American Way of Life*. Ou até mesmo, em insinuação aos arranjos da batida do jazz improvisada, som este característico por onde esses jovens perambulavam nos bairros periféricos que fervilhavam ao som do *bepop*, conseqüentemente, também os influenciou na espontaneidade e improvisação da escrita literária, por sua vez, quebrando os padrões academicistas formais das construções literárias.

Entretanto, é necessário ressaltar, o termo *beatnik*, posteriormente, promovido pela indústria cultural norte americana, também foi utilizado para designar qualquer indivíduo não conformado ao status *American Way of Life*, mas dotado de teor depreciativo. Contudo, Allen Ginsberg, argumentou: “eu não tenho definição [*beatnik*] exceto que parece ser uma palavra de insulto usualmente aplicada às pessoas com interesse em artes”. (GINSBERG, 1959, *apud*, ALMEIDA, 2007, p.19)

Por isso, é importante saber que houve uma confusão de conceitos, pois, o que alguns entendem por *beatnik* ou *beat* transformou-se erroneamente relacionado em sinônimo de

hippie, também levando em consideração que o hippie foi criado posteriormente e popularizado pela indústria cultural, ao contrário, da manifestação espontânea *beat*.

Diane di Prima, em “Memórias de uma Beatnik”, transparece a espontaneidade do movimento contracultural relatando sua surpresa ao receber um livro de Allen Ginsberg, pois,

[...] pelo que sabíamos, éramos apenas um pequeno grupo talvez quarenta ou cinquenta na cidade – que sabia o que sabíamos: que corria por aí de calça levis e camisa de trabalho, fazia arte, fumava baseado, curti o novo jazz e falava uma versão abastada da linguagem negra. Nossa suposição era que houvesse outros cinquenta morando em São Francisco, e talvez mais cem espalhados pelo país: Chicago, Nova Orleans e etc. Mas nosso isolamento era total e impenetrável, e nem sequer tentávamos nos comunicar com esse punhado de colegas. Nossa principal preocupação era manter a integridade (muito tempo e energia eram voltados para a definição do conceito de “se vender”). (DI PRIMA, 2013, p.195)

Somente por volta de 1958, quando então Diane di Prima recebeu em suas mãos um livro intitulado “*Howl*” de “um tal Allen Ginsberg” percebendo que se havia um Allen, deveriam existir muito mais, outras pessoas, além de seus poucos amigos, escrevendo seus cotidianos resistindo ao *American Way of Life*.

Uma vez que os seres são histórico-sociais eles estão condicionados a aquilo que os cercam e apesar das críticas conservadoras pela busca da beatitude, a experiência do *outsider* na marginalidade não deixa de ser fonte importantíssima em caráter autobiográfico.

Repensando as palavras de Jennifer Love em “No Girls Allowed: Women Poets and the Beat Generation”, durante este período, pertencente a mesma geração, também houveram mulheres que viveram as opressões conservadoras da sociedade burguesa norte-americana, mas que inevitavelmente por serem mulheres tiveram seus espaços de fala restringido. Como se vê, nestas condições, as obras mais promovidas pela indústria cultural quando se fala em Geração Beat, são aquelas de autoria masculina dos “ícones” do movimento, como o “*Howl*” de Allen Ginsberg (1956), “*On the Road*” de Jack Kerouac (1957) e “*Naked Lunch*” de William S. Burroughs (1959). Apesar dos ditos protagonistas homens, houve mulheres e elas não só estavam ali como também produziram conteúdo e transportaram essas relações de gênero cotidianas na produção da literatura. Além do mais, não só referente as escritoras beats, mas de forma geral, as memórias, as histórias de vida, a escrita autobiográfica, são fontes riquíssimas para melhor compreensão e reescrita de uma história das mulheres pelas memórias das próprias mulheres.

Esperava-se das mulheres submissão às regras de uma sociedade controladora e baseada na centralização do poder masculino. E isso refletia intimamente nelas que mesmo assim

reagiam, ainda podendo serem presas, encarceradas em instituições. De acordo com Gregory Corso,

Houve mulheres, estiveram lá, eu as conheci, suas famílias as internaram, elas receberam choques elétricos. Nos anos de 1950, se você era homem, podia ser um rebelde, mas se fosse mulher, sua família mandava trancá-la. Houve casos, eu as conheci, algum dia alguém escreverá a respeito.” (CORSO, *apud*, KNIGHT, 1996, p.141)

Como por exemplo, o caso de Hope Savage, uma moça de 17 anos, escritora, relacionou-se com Gregory Corso em 1954, foi internada pela família e cruelmente tratada com seções de eletrochoque o que ocasionou transtornos irreversíveis, deixando-a frígida, dessa forma, não conseguindo mais continuar a produção literária. Além do caso de Elise Cowen, também escritora, relacionou-se com Ginsberg e, após varias intervenções de sua família suicidou-se em 1962, tendo a maior parte de sua produção literária queimada por seus próprios familiares.

Os registros dessas mulheres que resistiram, como também as obras que por algum motivo se perderam ou foram apagadas, denunciam a violência da histerização do corpo das mulheres, entre internamentos com condutas médicas desumanas, abortos feitos de forma perigosa e sentimentos de deslocamentos para que seguissem normas e estabelecessem seus papeis de mulheres perfeitas sorridentes e agradecidas por terem seus homens de volta em casa pós-guerra. Sem saída as vezes até por via marginalidade, pela dificuldade em desconstruir todo o contexto social em que foram criadas, tendo seus corpos superestimados e duplamente explorados, pelo capital e o patriarcado, muitas encontraram no suicídio a infeliz possibilidade de libertação. Contudo, dentre os próprios companheiros da geração, foram, por vezes, relegadas aos bastidores, com o papel de servidora sexual ou musa inspiradora.

Dessa forma, essas autoras não só resistiam frente as aspirações da cultura dominante, mas também dentre a própria geração contra papeis de gêneros já prescritos.

Recentemente, uma coletânea organizada por Brenda Knight, “*Women of Beat Generation*”, traz alguns nomes, entretanto, dos poucos o que mais se destaca é o da autora Diane di Prima.

Diane di Prima nasceu em 1934 na periferia do Brooklyn em Nova York, em uma família de imigrantes italianos. No que diz respeito a sua formação, pode-se observar a grande influência de seu avô materno, Domenico Malozzi, militante anarquista, grande apreciador de música clássica e literatura. Quanto a escola, cursou colégio católico até os 13 anos, e posteriormente, após se mudar para Manhattan, frequentou um colégio só para mulheres, aprendendo latim e francês, também conhecendo o pensamento de Nietzsche e Wolf, pegando grande afeição pelos românticos ingleses, principalmente pela escrita de John Keats.

Enquanto Kerouac em 1957, Ginsberg e Burroughs em 1959 publicavam seus primeiros livros, Diane, publicava seu primeiro livro de poemas, *“This Kind of Bird Flies Backward”*, como se pode ler, no capítulo 14 de Memórias de Uma Beatnik, seus amigos, Pete e Leslie à “[...] garantiram solenemente que ele (o livro) não poderia ser publicado porque ninguém entenderia uma palavra da gíria da rua.” (PRIMA, 2013, p.193). Pouco tempo depois, em 1961, lançou o livro *“Dinner and Nightmares”*. Ainda em meados de 1960, estudou o pensamento Zen Budista tornando-se adepta e frequentando algumas comunidades alternativas. Acusada de obscenidade em seus poemas e peças de teatros às quais promovia, foi presa pela justiça americana duas vezes, mas logo em seguida absolvida. Via de regra, por causa da censura, fato comum entre os escritores.

Em 1968 mudou-se para São Francisco onde atuou com os *Diggers*, um coletivo contracultural de São Francisco, surgido em grupo de teatro de rua. Escreveu *“Revolutionary letters”*, uma coletânea de pequenos textos.

Em 1969, publicou *“Memórias de uma Beatnik”*. Sendo este o único livro de Diane editado em português e somente em 2013.

Durante a década de 1970, empenhou-se na escrita de *“Loba”*, sendo lançado dividido em oito partes. *“Loba”* é recebido pelo público como sua melhor obra, nele a autora debate a manifestação do poder feminino no contexto mitológico. Em 1974, no Colorado, foi uma das fundadoras, junto de Allen Ginsberg e Anne Waldman, da *“Jack Kerouac School of Disembodied Poetics”*. Assim como também foi co-fundadora do grupo *“New York Poets Theatre”* e das editoras *“The Poets Press”* e *“Eidolon Editions”*.



[Debate sobre o Budismo no apartamento de Allen Ginsberg no Colorado, 1976. (esquerda para direita) Jerome Rothenberg, Anne Waldman, estudante, Peter Orlovsky, Allen Ginsberg, Diane Di Prima, Chogyam Trungpa, William Burroughs e Allen De Loach.

Fonte: <http://www.livingloverevolution.org/archives/diane-di-prima-the-poetics-of-stardust/deloach/>

Após muita resistência por espaço e visibilidade, com um total de 43 livros de poesia e romances publicados, recebendo diversos prêmios e homenagens literárias, foi recentemente, na cidade de São Francisco, eleita poeta laureada. Em dias atuais, Diane reside no norte da Califórnia e continua a escrever.

Memórias de uma Beatnik: A sexualidade feminina

Representando os primeiros dias da cena beat em Nova York. Diane, em sua narrativa traz questionamentos referentes ao casamento e a família, ao trabalho, ao discurso de que a masculinidade ideal é o do homem provedor de uma família nuclear burguesa. Descrevendo os locais por onde andou com grande riqueza de detalhes em uma verdadeira sinestesia, reconta as relações de pessoas que vem e vão a todo o momento, sobre suas refeições e a falta dela também, delirando entre estado de esgotamento físico em busca do (auto) conhecimento espiritual.

Quando se pensa em memórias, uma das problemáticas que surge, é em relação à sinceridade e em si mesmo é uma problemática histórica, uma vez que a distancia que se coloca entre o ser e o fato, não é em respeito em como eles voltam à sua mente ao escrever, mas sim do ato de tentar restituir a verdade ao mesmo tempo em que é difícil distanciar daquilo que vive e como reconstruir isso hoje. Pois, não se escreve o que nada significa, pois se faz, faz-se na intenção. Além do mais, sendo o corpo e a escrita da autora a sua própria experimentação e matéria de pesquisa, acaba por ser a questão fundamental para entendermos a relação ser e sociedade, para pensarmos em sua manifestação. Uma vez que, “entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discurso, de saberes, de análise e de injunções o investiram”. (FOCAULT, 1988, p.29)

A sexualização precoce do corpo feminino ocorre dentro do próprio núcleo familiar, seja enquanto objeto dos assédios silenciados ou mesmo em relação às expectativas em torno do casamento e da reprodução. Através do seguinte trecho fica evidente a questão,

Desde os meus doze anos, eu via me desviando dos assédios de um tio corpulento, que, para todos os efeitos, estava me ensinando a dançar tango; inspeções que minha avó e as irmãs mais velha de minha mãe faziam, apalpando meus seios em desenvolvimento, puxando-os para fora com os dedos, ou medindo meu traseiro com as mãos, enquanto comentavam em italiano meus pontos fortes e fracos como futuro animal de procriação. Tudo isso era feito em um espírito de profunda gentileza e alegria [...] (DI PRIMA. 2013, pág. 60)

Na narrativa de “Memórias de uma Beatnik”, a autora reconta os momentos desde sua primeira relação sexual até o momento de concepção de sua primeira gravidez, demonstrando outras formas de pensar o desejo e o próprio corpo, como também a possibilidade de autonomia da mulher sobre a própria sexualidade, também desconstruindo o tabu da

virgindade, retirando o pesar da moralidade da iniciação sexual antes do casamento ganhando assim um sentido natural.

De acordo com Engels (2009), no livro “A origem da Família da Propriedade Privada e do Estado”, pode-se afirmar, o advento da propriedade privada trouxe ao homem a necessidade do casamento monogâmico como garantia de legitimar a paternidade para a transmissão de bens por meio da hereditariedade, sendo assim a propriedade privada exigiu da mulher um alto preço, relegando ao casamento monogâmico a única forma de espaço para expressar sua sexualidade moralmente.

No tempo de nossos pais havia o casamento, ainda há de vez em quando, e isso é ruim o bastante, mas se trata de uma forma desagradável, mas é apenas uma das formas do mostro. O verdadeiro horror, o pesadelo em que a maioria de nós está passando a vida adulta, é a convicção insidiosa e arraigada no mundo de relações entre duas pessoas apenas. (DI PRIMA, 2013, p127)

Em Memórias de uma Beatnik a autora também aborda os métodos contraceptivos, como por exemplo, o diafragma, o DIU e a pílula que começam a ser comercializada em meados de 1960, refletindo sobre os prós e os contras, problematizando o discurso da “revolução sexual” promovida pela comercialização da pílula anticoncepcional,

Bom, vocês podem se vangloriar, isso é coisa do passado, as garotas sortudas de hoje têm a pílula e podem fazer o que quiserem, são tão livres quanto os homens etc. etc. [...] Deixe-me contar algumas coisas sobre a pílula. Ela engorda, a pílula. Ela dá fome. Deixa os seios doloridos com um ligeiro enjoo matinal; condena a mulher, que evitou a gravidez a viver em um estado perpétuo de início de gravidez: debilitada, nauseada e propensa a cair no choro. E – ironia suprema – deixa a mulher que finalmente alcançou a liberdade total para transar, muito menos propensa a transar, diminuindo o desejo sexual. A pílula já cansou! [...] Apenas algumas coisas erradas com o DIU: câimbras, sangramento intermitente, um estado geral de tensão. (DI PRIMA, 2013, p122-123)

Apesar da aparência dos discursos na “revolução sexual”, essas mudanças vieram por ser o corpo da mulher estratégico no perigo da “explosão demográfica”. Ademais, a década seguinte ao fim da Segunda Guerra Mundial é caracterizada pelas décadas dos bebês *Baby Boomers* que viveram intensamente o *establishment* consumindo os filmes de *Hollywood*, os quadrinhos de super-heróis e outras formas desta cultura massificada. Diante dessa explosão demográfica e influenciados pela teoria neomalthusiana do pressuposto de os pobres serem os culpados de sua própria pobreza tendo em vista o número de filhos que possuíam, assim as políticas populacionais realizadas pelo governo norte-americano visavam mais o controle populacional do que o ideal de liberdade sexual feminina. Quando, por exemplo, a autora relata mentir a respeito de sua situação civil para que conseguisse um diafragma, [...] “consegui um diafragma na clínica Sanger, com muita apreensão e graças a uma mentira: disse que era casada”. (DI PRIMA, 2013, p.122)

Percebe-se que o direito à atividade sexual é somente adquirido moralmente com o estatuto de sujeito casado. As mulheres ao longo do tempo tiveram os seus corpos silenciados e o conhecimento adquirido em milênios de história sobre o próprio corpo apagado. As raízes do silêncio, o patriarcado, são de longa duração, inscrito na construção simbólica das relações de gênero e reafirmado na sociedade moderna com a medicalização da sexualidade feminina pelas instituições do Estado.

A modernidade trouxe várias mudanças à mulher, durante o período da Grande Guerra, com os maridos e pais fora de casa, as mulheres saíram para trabalhar. Mas assim que a guerra acabou as mulheres foram bombardeadas com quantidades absurdas de propagandas que frisavam a importância de ficarem em casa dedicando-se as funções de donas de casas, cuidando do marido e dos filhos. Portanto, mais que um romance erótico - ao qual geralmente é associada, sua obra é um rico registro memorialístico na liberdade sexual feminina problematizando as expectativas sociais relacionadas aos papéis de gênero relacionadas à mulher no período.

Dessa maneira, ela também dialoga com as aspirações do que viria a se formar posteriormente em movimento feminista quando se coloca, sobretudo, como dona de si e do próprio corpo.

Portanto, os registros literários dessas mulheres que resistiram, como também as obras que por algum motivo se perderam ou foram apagadas, denunciam a violência da histerização do corpo das mulheres, entre internamentos com condutas médicas desumanas, abortos feitos de forma perigosa e sentimentos de deslocamentos para que sigam as normas estabelecidas dentro de seus papéis de mulheres perfeitas sorridentes e agradecidas por terem seus homens de volta em casa pós-guerra. Muitas vezes, sem saída, até por via marginal, na dificuldade em desconstruir todo o contexto social em que foram criadas, tendo seus corpos superestimados e duplamente explorados, pelo capital e o patriarcado, até pelos os próprios companheiros, foram, por vezes, relegadas aos bastidores, com o papel de servidora sexual ou musa inspiradora, dessa forma, não só resistindo frente às aspirações da cultura dominante, mas também dentre a própria geração contra papéis de gêneros já prescritos. A obra da autora permite, assim, estabelecer um diálogo com o movimento feminista, oferecendo um caminho pelo qual, para além de todo o conservadorismo do período, podendo (re) encontrar a história de resistência dessas mulheres denunciando o olhar masculino na escrita da História.

Conclusões

Em suma, é necessário compreender a construção da narrativa dessas escritoras como sujeitos da *beat generation* nos contextos históricos de sua época. Como bem definem, pesquisadoras como Knight (1996), Love (2016), e tantas outras que se dedicaram a reescrever a história silenciada de autoria feminina dentro da geração beat, sendo fundamentais para a visibilidade dessas autoras. Pois, além de sofrerem as opressões de sua época, também foram negligenciadas ao decorrer do tempo, tanto pela própria indústria cultural quando se fala em geração beat, quanto pela recepção da crítica referente a análise de suas produções literárias. Em um primeiro momento surgem as mulheres que desafiam as proibições da moralidade, e são essas mulheres muito a frente de seu tempo que vão aos poucos, abrindo caminho na transformação do silenciamento do corpo feminino à medida que nas décadas seguintes, mesmos com controversas, passam a ser o foco dos movimentos sociais.

Referências

ALMEIDA, M. A. L. de. **Uma geração em debate: beats ou beatniks?** História Agora, 2007.

.BENFATTI, F. A. R. **Um olhar crítico sobre a recepção de escritores norte-americanos da Geração beat no Brasil.** Universidade de São Paulo. Estudos Anglo Americanos. Nº35, 2011.

DI PRIMA, D. **Memórias de uma Beatnik.** Editora Campos: São Paulo, 2013.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** 3.ed. São Paulo: Editora Escala, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, K; JOY, D. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital.** Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

KNIGHT, B. **Woman of the beat generation: The Writers, Artists and Muses at the Heart of a Revolution.** Berkeley: Conari Spres, 1996.

LOVE, J. **“No Girls Allowed: Women Poets and the Beat Generation.”** Women Writers: A Zine. Editor, Kim Wells, Online Journal, 2001. Disponível em:

<https://femalèbeats.files.wordpress.com/2011/05/no-girls-allowed.pdf> Acesso em: Março de 2017, às 03h20min.

WILLER, C. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009. (Coleção L&PM Pocket).

WILLER, C. **Os rebeldes**: Geração beat e anarquismo místico. 1.ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.